



DESEJOS: UMA ANÁLISE SOBRE ARTE E SISTEMAS VIVOS EM UM CONTEXTO ATUAL.

Edgard Mesquita de Oliva Junior. UFBA

RESUMO: Partindo de obras referenciais de Humberto Maturana, Gilbert Simondon, M. Merleau-Ponty e Gilles Deleuze, nas quais os autores tratam dos processos evolutivos e criativos do ser humano contido em seu ambiente de existência, o presente artigo sustenta a tese de sermos seres potencialmente criativos, porém “codificados” pelos processos genéticos no âmbito da evolução e modificadores de ambientes conforme a necessidade biológica e tecnológica, para os quais imprimimos o nosso modo de existência. A arte faz parte desse processo, pois cabe a ela perpetrar, na memória humana, a história da própria humanidade e do todo existente no planeta Terra. Trata-se, aqui, de uma análise de como esses processos interferem sobre as causas da existência da vida, da arte e dos procedimentos criativos que nos cercam.

Palavras chaves: ambiente, arte, biologia, filosofia; tecnologia

ABSTRACT: *The present article deals with an analysis based on reference works by Humberto Maturana, Gilbert Simondon, M. Merleau-Ponty and Gilles Deleuze, in which the authors address the evolutionary and creative processes of human beings present in their environment, supporting the thesis of us being creative beings, however "coded" by genetic processes in the extent of evolution and modifiers of environments according to our biological and technological needs to which we print our way of life. The art is part of this process, once it is up to it to perpetrate into human memory, the history of humanity and all life forms on Earth. In the present paper we try to make it clearer how these processes interfere in the causes of the existence of life, of art and of the creative processes that surround us.*

Key words: *environment; art; biology, philosophy; technology.*

A imagem fotográfica surge de um desejo. Os desejos surgem das nossas vontades de expressar nossos sentimentos. Os sentimentos surgem da nossa condição de seres vivos. Os seres vivos fazem parte de um sistema; o sistema dos seres vivos comanda o círculo das ações no ambiente ao qual pertencem. Daí, os conhecemos como Ecosistemas, ou seja, a plena interatividade entre os seres e seus comandos pela sobrevivência. O que diferencia o homem dos demais seres vivos é a sua plena capacidade para criar objetos que o completam na condição de um ser que pensa e cria e por isso busca extensões para o corpo a partir desses

artefatos fabricados pela sua consciência criadora. O homem rompe, portanto, sua condição de “estado primitivo” para a condição de ser pensador e criador de objetos manufaturados e extensores de seu corpo, para uso pessoal e coletivo nas comunidades proto-sociais. Inicia-se, portanto, o período pré-industrial com a manufatura de bens e a conseqüente era tecnológica.

No contexto da sociedade moderna temos nos questionado bastante sobre a capacidade de industrialização dos objetos e suas conseqüências para o meio ambiente. Sabemos dos efeitos benéficos e maléficos que a industrialização nos proporciona, contudo, há de se refletir ainda mais sobre o tema. O percurso da humanidade nos dá indícios de um avanço para um futuro sem fronteiras, um futuro de conquistas “espaciais” dentro do contexto terreno e extraterreno no plano de conhecimentos sobre novas galáxias e novas possibilidades de vida fora do planeta Terra. São os paralelos do universo que se alinham para a compreensão do próprio universo. É o homem desejando conquistar seu espaço no ‘espaço’ do universo, responsável por si e pela responsabilidade/desejo de conhecer o universo, nosso universo, nós mesmos.

Maturana (1997)¹ trata os sistemas vivos como sistemas autopoieticos, ou seja, sistemas que se alimentam de seus próprios sistemas para se manter vivos. O universo, a exemplo dos sistemas vivos, alimenta-se da sua matéria, ou do próprio sistema plasmático, para manter-se ativo. A permanência dos sistemas vivos depende de tal estrutura de troca dentro do próprio sistema que o mantém interativo, que, de acordo com o conceito do autor em análise, define-se como um sistema molecular autopoietico, retroalimentador de si, a saber:

Living systems are molecular autopoietic systems. As molecular systems living systems are open to the flow of matter and energy. As an autopoietic systems living systems are systems closed in their dynamics of states in the sense that they are alive only while all their structural changes are structural changes that conserve their autopoiesis. That is, a living system dies when its autopoiesis stops being conserved through its structural changes. (MATURANA, 1997, p. 2)²

Portanto, e a partir do exposto, percebemos que os sistemas vivos dependem da sua própria manutenção, uma forma molecular autopoietica, como define nosso autor, com o propósito de autossustentar-se sob trocas de energia e metabolismos para o equilíbrio fisiológico do sistema. Há, portanto, a função para cada elemento

inerente ao sistema vivo e que se reveza entre essas trocas. Do nosso ponto de vista, o universo é, também, um “sistema molecular” na proporção da sua dimensão, assim como um “ser” autopoietico. Sua estrutura se reconfigura a partir do movimento do grande espaço que ocupa e compõe o estado de “universo”, sempre em expansão na sua grande diversidade entre os estados gasosos, sólidos ou líquidos, vazio como os buracos negros, e em constante movimento; indissolúvel, portanto, pela própria necessidade de manter-se no “espaço” que lhe cabe. Contudo, mutável, vivo e retroalimentador, “para NÃO HAVER o NADA”, isto é, somente o espaço vazio.

Em relação à arte, os corpos físicos, ou não, criados pelos artistas, a percepção desses corpos diante do ato criador e o instante seguinte a partir do olhar do observador, cria a relação objeto, sujeito e observador, que se apresentam como um sistema vivo, plástico, mutante, portanto, estabelecido entre o artista-investigador e público, e suas relações para com o meio onde há a ação/vivência. As relações com o observador ocorrem a partir do olhar que lhe provoca sensações e mediações entre obra e vivência relacional, passado e presente, o ambiente vivido e suas mutações no contexto da atualidade. O objeto referencial poderá ativar a memória, que, ora em estado latente, emerge a partir das imagens apresentadas como “paisagens pessoais” e “memórias afetivas”, tornando-se o espaço modificador da situação. A obra e o olhar interpelam na formação do conceito individual de cada participante. É preciso imergir na obra para emergir da sua condição de latência memorial a partir de cada processo e individualidade. Assim, a interação espectador-obra, fluirá sob processo criativo na medida da imersão de cada espectador no contexto afetivo e sensorial que a obra lhe proporcionará.

Compreende-se, portanto, que é necessário que a obra ressignifique o espaço sensorial do espectador para que, nela, possa-se ter o meio modificador dos sistemas interativos, e vivos, como pulsa a nossa própria história. A evolução dos sistemas vivos comprova, através das impressões deixadas na terra, a história do passado. Contudo, eleva-se às mais diversas condições para um novo modo operador das relações inter-humanas, colocando-nos, portanto, frente a frente com outras interpretações a partir do momento o qual atravessamos, da compreensão a partir da biologia pura para as máquinas criadas pelo homem e em processo de associação homem, meio e máquina. Dessa forma, cria-se enorme relação de

ambiguidade, mas de total adaptação para o novo ser que desabrocha para o futuro. Humberto Maturana (1997) denomina como METADESIGN esse estado de “coisas” que se aproximam de nossos desejos e compartilhamentos. Constituem-se, estes, em sistemas vivos interagindo com os sistemas inteligentes, não-vivos, mas capazes de estabelecer uma comunicação homem-máquina. Portanto, é necessário que os sistemas vivos interajam com os sistemas “não-vivos” em busca de um novo sistema, híbrido, o qual necessite criar novos sistemas para a total inter-relação e sobrevivência circunstanciada pelo meio. A propósito, diz: *Furthermore, what I have said also means that while a living system lives both the living system and the circumstances in which it operates appear to an observer as changing together congruently*; (MATURANA, 1997, p. 2). Sendo assim, fotografar o ambiente, se à noite com a luminância da luz da Lua, ou se durante o dia com a luminância dos corpos iluminados pela luz do sol, desabrochar-se-á na “emoção” do instante criador, a novas sensações, as quais, ele, o artista criador, ou o espectador, possa ter seus sentimentos “revolidos” sob processos de “submersão” da sua memória, e a partir da obra. Recriar-se-á a obra a partir do imaginário, logo, retornando-se ao passado ou estando no presente, em seu estado de imaginação. Para o espectador, dar-se-á, dessa forma, plena continuidade à teia da criação. Percebemos, neste caso, o que Maturana (1997) denomina de *Domains of existence*, no qual a fisiologia da obra, ou dos sistemas, necessita de total separação, ou seja, sem intercessão do segundo, para o exato funcionamento da mesma. A fisiologia do sistema insere o mesmo mecanismo vital nas relações entre seres vivos e meio, assim como a fisiologia da obra de arte marca sua inserção no meio social, político e antropológico do homem. Das hierarquias tribais de nossos ancestrais para as hierarquias tecnológicas em um ritmo que marca a corrente evolutiva do homem social, biologicamente somos o mesmo “ser”, entretanto, nossa forma de pensar, de agir, de convivência social e, sobretudo, nas nossas relações pessoais, há fortes indícios de mudanças, que poderão nos levar a novos formatos nas relações humanas, em um futuro bem próximo. É, portanto, e conforme Maturana (1997), o *leitmotiv* que define nossa história, nossa genética antropológica e nosso caminho percorrido através das diversas gerações em seu *modus vivendi* próprio e que não deixa de ser um modelo criador, para o novo e para a futura memória do planeta habitado por seres autônomos/autômatos, e criadores.

Definimos como maneiras de viver, o *modus operandi*, para se construir a partir da matéria bruta e da “bio-interação” entre homem e ambiente, ambiente construído, ambiente absorvido, ambiente elementar a partir do qual a natureza se nos apresenta, o homem, a vida, o entorno que nos faz crer, criar e recriar pela natureza. O *Homo sapiens-ludens* e sua necessidade de modificar e modificar-se. Cria-se, dessa forma, a cultura, ou seja, a recriação da identidade original e o enraizamento do Ser no contexto social, político e religioso. E, conforme H. Maturana (1997), o nosso corpo é muito similar ao corpo de 3 milhões de anos atrás a partir de nossos ancestrais primatas, marcados, portanto, por uma sucessiva linha evolutiva e ao mesmo tempo conservadora de “interesses” genéticos da formação e para a evolução do corpo e da mente. Dessa maneira, podemos imaginar que, a partir das sucessivas gerações e mudanças no corpo e na mente do ser humano, o processo de mudanças evolui, adapta-se ao ambiente, que está em constante modificação. Portanto, as mudanças são progressivas e adaptáveis ao meio, como concluiu Charles Darwin (1809-1882) há quase dois séculos, ao estudar a evolução das espécies. Contudo, Maturana (1997) reafirma essa teoria no momento presente e nos faz refletir sobre as transformações pelas quais o planeta vem passando, a partir da mecânica implantada pelo *Homo sapiens* e a recente tecnologia em prática. Segundo nosso autor em análise,

As this was happening in the constitution of our lineage through the conservation of living in language, the bodies of our ancestors changed, and the worlds that they lived changed too. So that we are in our bodyhoods as we are now, and we live as we live now, as a result of the history of living in language that begun 3 million years ago. But there is something more. (MATURANA, Humberto, 1997, p. 4)³

Sim, há algo mais.

E, para finalizar nossa observação sobre o artigo METADESIGN, propomos uma reflexão sobre os novos “designs” (ou “valores”) evolutivos para a humanidade, ou o corpo como peça fundamental nos constantes processos de modificações estéticas e funcionais perante a nova sociedade mediatizada, tendo o cérebro como centro modificador dos desejos e avanços pelos quais a humanidade passa no presente. A natureza como centro adaptador e biotecnológico das investigações constantes nas quais o homem investe, as consequências para as ações de interferências do homem em seu ambiente natural e a arte como meio de equilíbrio e reflexão para as ações do ser humano diante da natureza do ser e de ser, ele, o

próprio agente modificador na superfície planetária, em um contexto social e tecnológico. Concluimos que, não há certeza de continuidade se não houver certeza para onde caminharemos⁴, no contexto mais amplo da relação: homem - criar - ação. Apenas a arte, como a poesia, a escultura, o desenho, a pintura e agora as mídias eletrônicas, poderão nos “revelar” os segredos dos nossos desejos (ações), tão claros e tão evidentes que, se relegarmos ao presente o que poderá nos acontecer no futuro, a única certeza será de termos um mundo modificado, modificado para as forças negativas e não relacionais para com o próprio homem, para com a natureza de ser e estar, naturalmente “*in*”.

Segundo Maurice Merleau-Ponty (2000)⁵, tratando-se do ambiente orgânico, o ser deixa de ser substancial, substancialista, para ser dialético. E, ainda segundo o autor, a palavra dialética gera dúvidas. Entretanto, o que viria a ser a dialética? A. Gesel e C. S. Amatruda, PUF, 1953, Gesel (apud Merleau-Ponty, 2000) nos dão a noção do embrião como um corpo em comportamento, ou seja, ele considera que o comportamento também tem seu “corpo” embrionário e que esse comportamento “cresce”, desenvolve-se, com o ser. Ora, se se trata de modificações do corpo, da mente ou de maneiras de se viver, produzir e criar, claro, estamos diante de algo modificador para nossos corpos e mentes, além das inovações tecnológicas, ou não, para o pleno funcionamento do ser, da vida e da criação terrena. Contudo, nem todas as coisas criadas pelo homem, estão a seu “favor”, em um movimento direcional que o beneficie. Portanto, quando Gesel fala em “um corpo de comportamento”⁶, ele nos indica sobre as possibilidades de transformação, “um organismo que se desenvolve”⁷, do ser em seu estado psíquico e de maturação da sua idade biológica e comportamental perante o grupo social ao qual pertence dentro da hierarquia biológica.

Conforme as observações de Charles Darwin, a natureza se encarrega de selecionar os mais fortes, e estes sobreviverão sob pleno processo seletivo para dar continuidade às novas gerações, com mutações que os favorecem diante dos mais fracos. Mas há controvérsias. Na atualidade, no caso do ser humano, estuda-se o comportamento como fonte das modificações, ou seja, o comportamento psicológico, principalmente. Ver, portanto, os estudos referenciais sobre as “Escolas do comportamento, “comportamento intencional”, (TOLMAN) e a do “comportamento molar”, (KANTOR), que tratam, respectivamente, da psicologia dos estados mentais

do ser. Segundo esses autores, o comportamento está atrelado a um corpo e se o corpo não é uma máquina, o sentido psicológico favorece o entendimento do corpo como algo ancorado no comportamento; direcionando, portanto, as constantes modificações desse corpo ou do seu comportamento. Então, segundo M. Merleau-Ponty (2000), “ todo o desenvolvimento é, por um lado, maturação, ligada ao peso do corpo, mas, por outro lado, o devir desse corpo tem um sentido: o espírito não é o que desce no corpo a fim de organizá-lo, mas aquilo que dele emerge.” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 229). O corpo torna-se, então, uma “paisagem” em modificação, uma “paisagem” em “re-construção”, rumo a uma direção que favorece as adaptações formais, psicológicas e biológicas desse novo ser, o ser telemático da atualidade.

Ponty cita, ainda, os estudos de Coghill(1929)⁸, sobre a evolução embriológica e comportamental do lagarto *axolotl*. A partir dos estados embrionários e evolutivos das diversas fases desse estranho animal, que possui uma fase aquática e em seguida uma fase terrestre, o autor da pesquisa indica, para fins de comparações dos estados de comportamento e adaptações às diversas fases do ser, sobre as quais versam os estudos do desenvolvimento do sistema nervoso do *axolotl*, evidências sobre o processo de construção/evolução dessa espécie animal, refletindo, portanto, em possíveis conclusões análogas para outros seres vivos sob o completo estado de funcionamento e desenvolvimento motor e psicológico das espécies. As etapas de “construção” do ser vivo e sua evolução embrionária, denotam, também, o estado psicológico futuro do novo ser, pois, “À medida que o organismo se desenvolve, realiza-se ao mesmo tempo um certo poder, ‘aquilo que ele pode fazer’, uma possibilidade interior ao organismo em crescimento” (COGHILL, 1929, apud Merleau-Ponty, 2000, p. 235). Portanto, e ainda segundo Merleau-Ponty (2000, p. 242), “O corpo é um sistema de potências motoras, que se entrecruzam para produzir um comportamento.” E é nesse sentido que podemos imaginar o corpo como “corpo” do pensamento, como potência criadora que conduz à manifestação dos desejos subjetivos e objetivos do homem, e que faz, ainda, o “corpo criador” inicial modificar o curso cultural das instâncias hegemônicas e paralisantes das sociedades. O “corpo criador” atua no pleno devir criativo e modifica o comportamento do ser na sociedade. Assim se manifesta o ato criador/renovador: sob uma constante busca por novas maneiras de perceber e atuar sob a

manifestação da “alma” criativa. Faz-se necessário, então, o homem adotar novos processos para a criação. A partir do corpo do pensamento o organismo criador entra em ação sob formas e processos metabólicos da manifestação desse corpo que cria, em seu estado presente de “fusões”, de “re-fusões” e “com-fusões”, perante o ato dinâmico da própria manifestação da criação. Com isso, leva-se à instância do ato criador, ao extremo da sensibilidade do ser humano: Ato criador > criação > forma. Alimentar-se = alimentar o pensamento: criar, depurar, filtrar, realimentar-se, movimentar, desenvolver a forma, os desejos. Configura-se, portanto, o organismo como uma “sede de animação endógena”, conforme Merleau-Ponty (2000, p. 244)⁹.

Na atualidade, percebemos o homem do futuro e com um novo senso criador. As modificações tecnológicas sofridas ao longo de mais de dois séculos permitem um novo estudo sobre o homem e a natureza, a natureza do ser, e de ser. As teorias evolucionistas voltam a acalorar as discussões sobre a embriogenia e a evolução dos seres vivos, colocando em evidência o processo modificador a favor do homem e de sua convivência com as máquinas, além da sua rendição às máquinas para compartilhar com estes “seres autômatos” a ambiência dos fatos. A pergunta é: adaptação ou evolução? Ou seja, “Materialismo” ou “Vitalismo”? Dentro dessa ótica percebemos o homem criador como um ser adaptado ao seu meio de sobrevivência, que nos remete ao período neolítico, ou seja, início de produção em múltiplos, primeiros bens de “consumo” - a troca, seguida de uma produção pré-industrial, precedente da máquina a vapor, sendo esta responsável por grandes modificações no comportamento do homem, formador de um novo modelo de sociedade criativa e decidida a novos rumos. Com isso, criou-se o alicerce para o futuro, ou seja, o presente tecnológico, dotado de uma nova configuração social e comportamental do ser humano. A partir de então podemos analisar com mais cuidado a questão do comportamento, pois, segundo Merleau-Ponty (2000), as modificações no sistema da natureza são vistas como consequência do próprio organismo, que, segundo o autor,

O comportamento não é um conjunto de fatos cujo funcionamento seria comandado por conexões arquitetônicas realizadas no interior do organismo. O funcionamento, sob suas formas mecanicistas, aparece como secundário; ele não é anterior, mas posterior ao organismo. (Merleau-Ponty, 2000, p. 246)

Nesse sentido, e para Charles Darwin, o comportamento, isto é, a mudança na forma e funções do organismo depende do meio, da completa adaptação ao ambiente de convivência, além das modificações morfofisiológicas impostas pelo novo ambiente. No entanto, estamos em plena era da transformação dos meios de comunicação entre humanos, da “natureza” a favor do homem, exclusivamente para o homem. Talvez, e a partir de então, coloquemos o homem em xeque: vencerá ele, apenas, a favor de seus interesses, ou vencerá a natureza do planeta a favor da vida? Qual das partes adaptar-se-á à nova natureza do Ser? Para o homem tecnológico, e que deseja ver além da natureza, Karl Pribram¹⁰, nos dá noção de como funciona o olhar holográfico e como poderíamos ver nosso cérebro em terceira dimensão sem alterá-lo fisicamente. O corpo reconstruído pelo “corpo” da luz, detalhadamente, no qual poderíamos sentir os cheiros, texturas e fluxos. Talvez, num futuro muito próximo, a máquina eletrônica nos permitirá a experiência de todas as sensações sem precisarmos levantar do sofá. Resistirá o corpo à geleia tecnológica ou Darwin estará certo? Novas mudanças adaptativas ao meio tecnológico transformarão o corpo humano em favor das máquinas? São essas as questões que gostaríamos de levantar, embora ainda estejamos longe de perceber algo muito acentuado.

Ainda, numa proporção inversa, podemos crer que, “o ultimato do meio ao organismo explica a adaptação do organismo ao meio.” (Merleau-Ponty, 2000, p, 246). Sim, podemos ver a todo instante, no atual estágio tecnológico, a completa adaptação do homem ao novo meio, ao meio inteiramente mecanicista e eletrônico, robótico, nós, humanos, dependentes das máquinas que impulsionam o planeta, da produção de alimentos à defesa interna e externa. Torna-se evidente que estamos caminhando para uma nova era de “evolução” entre os seres humanos, e que essas mudanças fazem parte do projeto ‘homem’, na sua condição de ser inteligente e criador, fato que o diferencia dos outros animais e que convivem, apenas, na inter-relação entre o meio presente e as circunstâncias do ecossistema para a sobrevivência biológica dentro do contexto alimentar e reprodutivo.

Nesse contexto, podemos retroalimentar nosso caminho, quando da partida na Era da Pedra Lascada, do osso como instrumento e ferramenta (Paleolítico), para a conquista do espaço (Era Moderna e Tecnológica). A temporalidade dos fatos não atormenta os desejos das futuras gerações por novas conquistas, pois estamos em

plena juventude de nossas descobertas, embora com enormes prejuízos para o planeta. Lembremos, pois, o filme, *Uma Odisséia no Espaço*, dirigido por Stanley Kubrick (1968), no qual o futuro do homem é projetado com enorme clareza. Sobre esse futuro, Merleau-Ponty (2000) afirma: “Em virtude de uma iniciativa endógena, o organismo traça o que será a sua vida futura, desenha o seu meio (Umwelt)¹¹; contém um projeto em referência ao todo da sua vida”, (Merleau-Ponty, 2000, p. 247)¹². Distingue-se, ainda, com o seguinte termo, sobre o que vem a ser o futuro, para o pensamento filosófico e para a humanidade: “O futuro não deve estar contido no presente, mas tampouco será algo que viria adicionar-se ao presente por uma necessidade a tergo. O futuro viria do próprio presente. Eles se continuariam um no outro”. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 249)¹³.

Recentemente e caminhando só e a esmo em uma praia deserta à espera do meu objeto de pesquisa, ou seja, a luminosidade ou luminância da luz da Lua sobre corpos físicos, o enorme ângulo proporcionado pela natureza me fez chegar à seguinte reflexão: “o tempo não existe, existir é o tempo”. Sendo assim, o passado se constitui em alicerces para nossos sonhos futuros no plano imagético e estrutural para as próximas construções que o homem acalanta e para dentro da sua perspectiva de existência. Portanto, reforçando o pensamento sobre o tempo, passado, presente e futuro, “pode-se dizer do animal que cada momento de sua história está vazio do que vai se seguir, vazio que mais tarde será preenchido. Cada momento presente está apoiado no futuro, mais do que preche de futuro”, (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 253)¹⁴.

Na atualidade, o homem “projeta” seu futuro. Vivemos sob a égide desse futuro, numa expectativa para o amanhã. Planejamos nossas tarefas, temos metas a cumprir, desejos a serem realizados. Em um plano global as evidências de um planeta altamente tecnologizado se manifesta diante de nossos olhos. Procura-se manter o equilíbrio entre o homem e seu meio - Umwelt; surge a mecatrônica, ciência que projeta e produz máquinas híbridas que sustentarão as próximas gerações de seres humanos. Em 1958, Gilbert Simondon, publicava o título “On the Mode of Existence of Technical Objects”¹⁵. No prefácio escrito por John Hart, temos o seguinte:

Our precise aim is to show that there is no such thing as a robot; that a robot is no more a machine than a statue is a living being; that is merely a product of the imagination, of man's fictive powers, a product of the art of illusion. Nevertheless, the notion of the machine is present-day culture incorporates, to a considerable extent, this mythic representation of the robot". (HART, John, in: *On the Mode of Existence of Technical Objects*, SIMONDON, Gilbert, 1958, p. 3).

Ora, o que percebemos nos dias atuais é justamente o contrário do pensamento de Simondon, ou seja, o homem rende-se cada dia mais às máquinas criadas por ele próprio, para seu bem estar e pelo futuro da vida do extra-planeta com extensões a futuros planos interplanetários. Os robôs já fazem parte de nosso cotidiano, nas fábricas, dispensando, ou diminuindo, a presença humana em alguns setores, ou, apenas, coexistindo com a presença de alguns humanos para tornarem "on" ou "off" a jornada de trabalho, a custo "zero" de taxas e impostos gerados pela presença do humano, mas a custo alto de desempregos e sustentação de seres humanos desempregados. O que era ficção, ora vai-se tornando realidade diante da evolução das máquinas, para as quais aprendemos a conviver, "depende", e compartilhar nosso dia a dia. O homem torna-se, a cada dia que passa, escravo dessas máquinas, subserviente ao poder da eletrônica, ao passo que aumenta o seu poder de comunicação, seu poder de divulgação com independência das grandes mídias privadas. Na atualidade, ele é o grande jornalista/repórter de suas ações e participações no meio em que vive, através de seus aparelhos de comunicação, sítios de relacionamentos, como blogs, telefones celulares e tabletes. As barreiras das diferentes línguas vão caindo à medida que as máquinas e seus programas eletrônicos podem traduzir, quase que simultaneamente, os diferentes idiomas em que se comunicam, a favor dele, o espectador, ator e participante da cena do cotidiano. A partir do artigo *On the Mode of Existence of Technical Objects*, Simondon, 1958, o autor nos aponta para tal problemática em discussão a qual vivemos no presente: a ameaça de vivermos escravizados pelas máquinas, que seria apenas uma suposição e que vai tornando-se realidade. Perguntamos, então: O homem-Máquina será o homem do futuro? Ou já somos esses homens-máquinas, escravos da eletrônica? Pensa-se, portanto, que o homem cria as máquinas, não para escravizá-lo a partir desses objetos de entretenimento/trabalho, contudo, torna-se dependente a cada dia que avança, a cada dia que novos programas "inteligentes /Automation" são criados para essas máquinas.

Sob o título *Review of Gilbert Simondon's L'individu et sa genèse physico-biologique* (1966), Gilles Deleuze¹⁶ nos dá outra interpretação para a obra de Simondon. Deleuze trata do princípio da individualidade, ou da individuação, como ele nomeia, para, então, mostrar que estamos vivendo na era da mecânica, da fronteira entre homem e seu ambiente e homem e ambiente das máquinas. Nesse contexto, Simondon já estava preocupado com a introdução das máquinas no cotidiano do homem. Para tanto, ele expõe que: “1. Traditionally, the principle of individuation relates to an already made, fully constituted, individual.” [...] e, “2. From this point on, individuation is ‘placed’ everywhere; it is considered to be co-extensive with being, at least with concrete being (and even with divine being).” (DELEUZE, 1966, p. 43)¹⁷. O autor prossegue, nos afirmando que:

[...] o erro é correlativo para proceder com. E, em verdade, o indivíduo pode ser apenas contemporâneo para a individualidade dele, e para a individualidade do contemporâneo há os princípios: os fundamentos devem ser verdadeiramente genéticos, não um simples princípio de reflexão. O indivíduo não é apenas o fim, mas o elemento [milieu] de individuação. Precisamente e a partir dessa perspectiva, individualidade cessa de ser co-extensivo com a natureza.”¹⁸ (DELEUZE, Gilles, 1966, p. 43)¹⁹

Nessa mesma conduta de pensamento, estão os estudos de Henning Schmidgen (2005)²⁰, sob os quais a linha de trabalho de Simondon está em evidência e cujo projeto constitui-se em “investigar as contribuições de G. Simondon para o campo de estudos de Ciência e Tecnologia.”²¹ Enfatiza-se, então, a nossa (co)dependência para com as máquinas, após sermos os criadores dessas máquinas. A busca constante por máquinas que nos fazem interagir, do trabalho ao divertimento, e, alcançando a área de saúde com as próteses eletrônicas que respondem a estímulos, nos coloca na condição de seres híbridos, desde que a entendamos como seres biocibernéticos em futuro próximo. A medicina e a ciência do entretenimento caminham nesta direção: A natureza do homem transforma a Natureza.

1 MATURANA, Humberto. METADESIGN; Instituto de Terapia Cognitiva INTECO – Santiago de Chile.

² Op. cit.

³ Op. cit.

⁴ Grifo nosso

⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. A NATUREZA, curso do Collège de France; Martins Fontes: - São Paulo, 2000.

⁶ cf. *Embriologia do comportamento*, A. Gesel e C. S. Amatruda, PUF, 1953, apud M. Merleau-Ponty, In: A Natureza.

⁷ Ibidem

⁸ COGHILL, G. E., *Anatomy and the Problem of Behaviour*, New York/Londres, Macmillan, 1929.

⁹ Idem.

¹⁰ In: PRIDEAUX, Jeff. *Comparison between Karl Pribram's 'Holographic Brain' and more conventional models of neuronal computation*. © Copyright Jeff Prideaux along with electronic copy right ACSA and The BNC Group. All Rights Reserved. Posted by permission of the author.

¹¹ Palavra de origem alemã, que significa meio, ambiente. N. A.

¹² Op. cit.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ SIMONDON, Gilbert. *On the Mode of Existence of Technical Objects*. Paris: Aubier, Editions Montaigne, 1958. Translated from the French by Ninian Mellamphy.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. *Review of Gilbert Simondon's L'individu et sa genèse physico-biologique (1966)*. This review article appeared originally in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* 156 (1966), 115-18.

¹⁷ Op. cit.

¹⁸ Tradução livre em, DELEUZE, 1966.

¹⁹ Op. cit.

²⁰ Op. cit.

²¹ SCHMIDGEN, Henning. *Thinking technological and biological beings: Gilbert Simondon's philosophy of machines*. *Revista do Departamento de psicologia – UFF*, v. 17 – n. 2, p. 11-18, Jul./Dez. 2005

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. *Review of Gilbert Simondon's L'individu et sa genèse physico-biologique (1966)*. This review article appeared originally in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* 156 (1966), 115-18.

MATURANA, Humberto. METADESIGN; Instituto de Terapia Cognitiva INTECO – Santiago de Chile.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A NATUREZA*, curso do Collège de France; Martins Fontes: - São Paulo, 2000.

PRIDEAUX, Jeff. *Comparison between Karl Pribram's "Holographic Brain Theory" and more conventional models of neuronal computation*. © Copyright Jeff Prideaux along with electronic copy right ACSA and The BNC Group. All Rights Reserved. Posted by permission of the author.

SCHMIDGEN, Henning. *Pensando os seres tecnológicos e biológicos: a filosofia das máquinas de Gilbert Simondon*. *Revista do Departamento de psicologia – UFF*, v. 17 – n. 2, p. 11-18, Jul./Dez. 2005

SIMONDON, Gilbert. *On the Mode of Existence of Technical Objects*. Paris: Aubier, Editions Montaigne, 1958. Translated from the French by Ninian Mellamphy.

Edgard Mesquita de Oliva Junior

Tem sua primeira formação em Biologia; Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFBA; professor de fotografia EBA/UFBA; doutorando em Poéticas Interdisciplinares pelo programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Janeiro. Artista visual, trabalha com a linguagem da fotografia e do vídeo, procede com investigações sobre a captura de imagens em ambientes de baixa luminosidade.